



Walter Benjamin e a filosofia da escrita: apresentação, constelação e crítica

Walter Benjamin and the philosophy of writing: presentation, constellation and criticism

Leonardo Izoton Braga

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
leo.izoton@gmail.com

Resumo: Este artigo busca evocar as dimensões política, poética e filosófica na escrita de Walter Benjamin, trabalhando as concepções de apresentação (*Darstellung*) da verdade, constelação e crítica, como dimensões constitutivas de seu exercício de pensamento, praticado na linguagem. Para isso, trabalhamos: as concepções de tratado, fragmento e constelação, em sua crítica à escrita sistemática, em paralelo ao seu modo de pensar a filosofia como apresentação (*Darstellung*) da verdade, presentes no *Prefácio do Drama Trágico Alemão* (1928); a sua concepção de linguagem como arquivo de semelhanças não sensíveis, evocada na *Doutrina das Semelhanças* e em *Sobre a faculdade mimética* (1933); e sua distinção entre o químico e o alquimista, assim como a relação entre o comentário e a crítica, presentes no ensaio sobre as *Afinidades Eletivas de Goethe* (1922). Por fim, afirmamos seu modo ensaístico de escrita como *locus* de um exercício de crítica imanente, exposição e desvio, na construção de um método, uma política de leitura e escrita do mundo, que nasce como tarefa de “ler o que nunca foi escrito”, daquele não tem nada a dizer, somente a mostrar.

Palavras chave: escrita; apresentação; constelação; crítica; desvio.

Abstract: This article seeks to evoke the political, poetic and philosophical dimensions in the writing of Walter Benjamin, working the concepts of presentation (*Darstellung*) of truth, constellation and criticism, as constitutive dimensions of his exercise of thought, practiced in language. Therefore, we worked on: the conceptions of treaty, fragment and constellation in its critique of systematic writing, in parallel with its mode of thinking philosophy as presentation (*Darstellung*) of truth, present in the *Preface*

of *German Tragic Drama* (1928); his conception of language as an archive of non-sensuous similarities, evoked in the *Doctrine of Similarities* and *On mimetic faculty* (1933); and his distinction between the chemist and the alchemist, as well as the relation between comment and criticism, present in the essay about *Goethe's Elective Affinities* (1922). Finally, we affirm his essayistic mode of writing as the *locus* of an exercise of immanent critique, exposition and detour, in the construction of a method, a policy of reading and writing the world, born as a task of “reading what was never written” by the one who has nothing to say, only to show.

Keywords: writing; presentation; constellation; criticism; detour.

Walter Benjamin abre o prefácio epistemológico-crítico de seu livro sobre a *Origem do drama trágico alemão* (1928) citando o escritor Johann Wolfgang von Goethe em sua “*Teoria das cores*”. A citação carrega uma dimensão curiosa, a qual nos ajuda a compreender seu modo de pensar e fazer filosofia. Goethe nos adverte que não é possível chegar à totalidade nem pela ciência, nem pela filosofia e, para embarcar nessa busca, seria necessário: “pensar a ciência como arte” (GOETHE *apud* BENJAMIN, 2013, p.15). Esta totalidade, porém, não pode ser buscada no excessivo e no universal, mas nas obras de arte particulares. É justamente este o ponto crucial para Benjamin na filosofia: a busca pela verdade exercida no confronto com o singular. Diante do encontro entre arte e filosofia frente ao singular, surge a tarefa da apresentação¹. Uma tarefa que se dá pelo modo de exposição da forma singular, a prática dessa forma, em suma, o exercício de apresentação da verdade. Para falar dessa prática, Benjamin evoca duas formas de escrita filosófica: a doutrina e o tratado. Enquanto a doutrina almeja uma apresentação sistemática, didática e objetiva, visando a mediação do conhecimento em uma transmissão linear e lógico-dedutiva, o tratado engaja-se na apresentação da verdade, em seu exercício de exposição e desdobramento, renunciando o “percurso ininterrupto da intenção” (BENJAMIN, 2013, p.16) e acolhendo as tensões desta tarefa, abrindo-se aos desvios. Sintetizado por Benjamin:

¹ Nos apoiaremos na proposta de tradução do termo *Darstellung* como apresentação / exposição, proposta por Jeanne Marie Gagnebin (2014) e Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado (2004), e não como representação, de acordo com as traduções de Sérgio Paulo Rouanet e João Barrento (2013). Logo, utilizaremos aqui a tradução de Barrento (BENJAMIN, 2013) modificada nestes pontos específicos, demarcados em itálico.

“exposição é o princípio conceitual de seu [da filosofia] método. Método é desvio. Exposição como desvio – eis então o caráter metodológico do tratado” (GAGNEBIN, 2014, p.69)². Assim, temos dois modos de fazer filosofia: a filosofia como conhecimento e a filosofia como apresentação/exposição da verdade (GAGNEBIN, 2007, p.88). Sem renunciar a relevância do primeiro modo, Benjamin se engaja no segundo. Torna a escrita filosófica um “movimento de respiração”, um pensamento que regressa incessantemente à singularidade a ser apresentada, demandando uma observação atenta e paciente, uma contemplação (BENJAMIN, 2013, p.16). Seu interesse não é pelas diferentes formas de ordenação de elementos, mas pelo modo como estes elementos são acolhidos pelo pensamento, ou seja: “não levar a conhecimento(s), mas expor/apresentar a verdade”³ (GAGNEBIN, 2014, p.66).

O pensador afirma ainda um “genuíno parentesco” (BENJAMIN, 2013, p.17) entre a escrita filosófica do tratado com a técnica de construção do mosaico – fragmentado, composto de elementos singulares e diferentes – que, quando apresentado, consegue transmitir a força da imagem sagrada. Neste momento, aproxima matéria, pensamento e linguagem:

O valor dos fragmentos de pensamento é tanto mais decisivo quanto menos imediata é sua relação com a concepção de fundo, e desse valor depende o fulgor da *apresentação*, na mesma medida em que o do mosaico depende da qualidade da pasta de vidro. A relação entre a elaboração micrológica e a escala do todo, de um ponto de vista plástico e mental, demonstra que o conteúdo de verdade (*Wahrheitsgehalt*) se deixa apreender apenas através da mais exata descida ao nível dos pormenores de um conteúdo material (*Sachgehalt*). (BENJAMIN, 2013, p.17)

O fragmento, como forma, desvia da concepção de sistema e se funda nos “pormenores do conteúdo material” que, em conexão,

² Utilizamos aqui a tradução de Gagnebin (2014), mas pontuamos a de Barrento: “A *apresentação* é a quintessência de seu método. Método é caminho não direto. A *apresentação* como caminho não direto: é este o caráter metodológico do tratado.” (BENJAMIN, 2013, p.16)

³ Segundo nota Gagnebin, Benjamin pensa a verdade: “... num sentido singular que não indicaria sua crença numa verdade única, absoluta, mas sim sua referência em relação a uma dimensão distinta daquela definida pela relação entre sujeito e objeto do conhecimento.” (GAGNEBIN, 2014, p.66)

tendem à totalidade e produzem a possibilidade de uma apresentação da verdade. Tal tendência à totalidade se dá como força de atração e abertura construtiva pois, diante da fratura incontornável – tal como o mosaico –, torna-se impossível seu alcance. A descontinuidade e a incompletude, constitutivas do fragmento, são o que torna imprescindível o exercício da forma de exposição na filosofia, menos como compromisso didático do conhecimento e mais como uma necessidade ética e estética com a verdade. Tal posicionamento exige uma porosidade entre escrita e pensamento, que busca em seu procedimento construtivo uma *práxis*, na qual teoria e prática não se distinguem. Esta *práxis* é o que ele chama de “*apresentação contemplativa*” (BENJAMIN, 2013, p.17).

A *apresentação contemplativa* parte do princípio do fragmento que, em seu inacabamento essencial (NANCY; LACOUÉ-LABARTHE, 2004, p.4), incorpora-se à escrita na tentativa de apresentação das singularidades, forçando o trabalho do pensamento à um eterno recomeçar. Este “estilo de escrita” obriga o leitor a deter-se nestes momentos intensivos esboçados na materialidade da linguagem, como em desenhos “de ampla respiração com um único traço” (BENJAMIN, 2013, p.17). Por meio destas quebras, por este ritmo, mostra-se que a busca da verdade se dá como caminho não direto. O estilo que se encarna na escrita filosófica do tratado, tem por método a apresentação das ideias. Diante disso, Benjamin aproxima-se de uma leitura singular da doutrina das ideias de Platão, que pode ser descrita em três momentos: a diferença entre conhecimento e verdade; a relação entre beleza e verdade; e a relação entre a ideia e o fenômeno.

No primeiro momento, Benjamin, tal como Platão, parte da não identidade entre conhecimento e verdade. Enquanto o conhecimento se constrói pela mediação e posse – pela apropriação do objeto do conhecimento em sua produção na consciência –, a verdade só se dá na apresentação de si mesma, do ser como forma, de modo imediato. Interessa-lhe então, a investigação das ideias, apresentando suas formas. Portanto, podemos retomar à advertência de Goethe, pois a Benjamin interessa a verdade das singularidades, não o mero conhecimento das coisas específicas, e para isso, busca incorporar a dimensão da arte à filosofia, de modo a tangenciar, de modo precário, a dimensão do acontecimento total nos pormenores do mundo material.

A segunda dimensão da doutrina das ideias, em sua leitura, é a relação entre o belo e a verdade. Sendo a verdade bela, o belo é o que

permite o acesso sensível para a verdade. Partindo da distinção platônica entre mundo sensível e inteligível, a beleza surge como fenômeno sensível, enquanto forma da verdade, já a verdade, a ideia, é o conteúdo do belo. Contrariando a leitura corrente em que o belo é subsumido à verdade, como fenômeno secundário ou mera justificação de sua busca, Benjamin lê o belo tanto como esse brilho que seduz aquele que a procura, quanto como teor essencial da beleza (GAGNEBIN, 2014, p.72), ou seja, uma outra ordem, que se condiciona mutuamente com a verdade, sem que uma se submeta a outra. A beleza é a possibilidade de um caminho, de “desvio para a verdade” (MACHADO, 2004, p.58, demonstrando um “copertencimento constitutivo entre essência e forma” (GAGNEBIN, 2014, p.72), como abertura que supera essa separação e faz da apresentação a condição de existência da verdade. Benjamin, assim, funda a filosofia sob um paradigma artístico e estético (MACHADO, 2004, p.59).

Por fim, temos as relações entre fenômeno e ideia, intermediadas pelo conceito. Para Benjamin há uma interdependência entre fenômeno e ideia, pela qual é possível salvar fenômenos particulares no mundo das ideias, assim como apresentar as ideias no mundo sensível, e quem promove estes movimentos é o conceito. Por um lado, os “fenômenos são analisados pelos conceitos, dissolvidos, e divididos em elementos” (MACHADO, 2004, p.60), de modo que o conceito arranca o fenômeno de seu contexto no mundo sensível, de sua falsa unidade, e permite sua participação no “ser das ideias” (BENJAMIN, 2013, p.22). Pelo outro, as ideias são apresentadas no mundo sensível “por meio da empiria”, pela “organização dos elementos coisais no conceito” (BENJAMIN, 2013, p.22), sob a forma de uma configuração descontínua (MACHADO, 2004, p.66). Este duplo movimento é simultâneo, de modo que da salvação dos fenômenos e da apresentação da ideia, surge o conceito.

Por sua vez, o conceito emerge desta tensão entre fenômeno e ideia, em meio a uma configuração, a qual Benjamin chama: constelação. Para ele, as “ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas” (BENJAMIN, 2013, p.22). Enquanto as ideias se mostram como “constelações eternas” (BENJAMIN, 2013, p.23), o plano que dá consistência à composição, os fenômenos se apresentam como as estrelas, seus elementos. O conceito emerge como rebento desta configuração descontínua, de sua força constitutiva, que se dá a ver na organização dos fenômenos extremos, em sua silhueta, da tensão de sua forma, em seu modo de apresentação no céu. O conceito nasce com a tarefa de

salvar estes fenômenos extremos e apresentar a ideia, em meio a esta constelação. A imagem da astrologia é também lembrada em outros textos de Benjamin⁴, nos quais afirma o enfraquecimento da capacidade mimética na modernidade, citando o fato de que nossa percepção não mais consegue apreender a semelhança entre uma constelação e um ser humano. Nestes trabalhos, aproxima a astrologia da linguagem, como domínio em que estas forças miméticas migraram e ainda podem ser exploradas, em seus resquícios presentes, daquilo que chamou de “arquivo de semelhanças, de correspondências não sensíveis” (BENJAMIN, 2012a, p.121). Frente a esta transformação da percepção, atesta a sobrevivência desta dimensão mágica na linguagem, que acolhe a semelhança menos sensível de todas, aquela entre a palavra escrita e a palavra falada. Resta-nos então, a exploração de dois estratos de leitura da linguagem, suas dimensões semiótica e mágica (BENJAMIN, 2012a, p.121). O ritmo, a velocidade de escrita e de leitura, ou seja, a dimensão temporal, é inseparável desse processo, pois torna-se imprescindível submeter-se ao tempo necessário para a emergência de um relampejar, de um momento crítico e oportuno de leitura e escrita. Benjamin nos convida a “Ler o que nunca foi escrito” (BENJAMIN, 1970, p.51), tal como esforçavam-se os antigos para ler as forças nas estrelas, nas vísceras e nas danças, como um exercício de clarividência, não buscando um além ideal, mas um além-aqui, desviado, atento ao presente que nos interpela. A linguagem é o *medium*, o plano no qual “as coisas se encontram e se relacionam” (BENJAMIN, 2012a, p.121) em suas essências. Em extensão, nos arriscamos a dizer que a metafísica é radicalmente lançada ao mundo material, como se mundo sensível e inteligível fossem rebatidos e coabitassem a linguagem, conferindo a esta uma espécie de magia imanente. Deste modo, a mística da constelação se inscreve na linguagem, em seu “caráter experimental” (BENJAMIN, 2012a, p.119). Assim, a constelação surge como sobrevivência, força que permite o método de apresentação, que se faz possível na linguagem, em seu ato de composição, em sua confrontação com as singularidade e em sua urgência de exposição da verdade. A linguagem, deste modo, ao tentar apresentar a verdade, mostra sua insuficiência e, mesmo assim, persiste em sua tarefa, pois a “verdade não pode existir sem se apresentar, (...) aparecer

⁴ *A capacidade mimética* (BENJAMIN, 1970) e na *Doutrina das semelhanças* (BENJAMIN, 2012a). Vale lembrar que o primeiro texto é desdobramento do segundo, ambos escritos em 1933.

na história e na linguagem” (GAGNEBIN, 2014, p.72). O entrelaçamento entre magia, filosofia e arte faz-se presente na linguagem, que irrompe como possibilidade de desvio na leitura do mundo, como lugar de invenção.

Benjamin, em meio a composição de seu século de exílio, individualismo e clausura, das grandes Guerras Mundiais, em que assistia a aurora da sociedade de consumo, se entusiasmava e se horrorizava com as maravilhas e violências da arte e da técnica, conseguiu antever um sopro alquímico para encarar o real em sua dimensão ambivalente, na qual era possível proferir uma metamorfose. Contra qualquer ode otimista, prefere um pessimismo organizado, no qual a magia imanente, a lentidão saturnina e o olhar micrológico, são condições de enfrentamento do cotidiano. Em sua leitura atenta do mundo, não queria apoiar-se numa visão supersticiosa, mas extrair uma dimensão viva da materialidade, uma poética da imanência, na qual a teologia, a mística e arte, carregariam um índice de transformação a ser incorporado à filosofia. Uma transformação que se constrói na ação, como crítica perante a singularidade. É assim que Benjamin propõe o confronto com as obras no início do ensaio sobre *“As afinidades eletivas” de Goethe*:

Se, por força de um símile, quiser-se contemplar a obra em expansão como uma fogueira em chamas vívidas, pode-se dizer então que o comentador se encontra diante dela como o químico, e o crítico semelhantemente ao alquimista. Onde para aquele apenas madeira e cinzas restam como objetos de sua análise, para este tão somente a própria chama preserva um enigma: o enigma daquilo que está vivo. Assim, o crítico levanta indagações quanto a verdade cuja chama viva continua a arder sobre as pesadas achas do que foi e sobre as cinzas leves do vivenciado. (BENJAMIN, 2009, p.13-14)

Retomando a relevância da crítica de arte, tal como apresentada em seu trabalho sobre o primeiro romantismo alemão, no qual pontuava a “abertura, o inacabamento e a potência de transformação”⁵ deste procedimento, o pensador alemão nos propõe meditar sobre o que chamou de conteúdo coisal, à partir da figura do químico, e o conteúdo de verdade, por meio do alquimista. Vale ressaltar que o conteúdo coisal é a aparência e a materialidade sensível, finita e localizada no tempo (madeira

⁵ Nota-se aqui a proximidade com os termos: conteúdo material e conteúdo de verdade, que foram utilizados na passagem já citada aqui, sobre o mosaico (BENJAMIN, 2013, p.17).

e cinzas), e o teor de verdade é a dimensão de eternidade e sobrevivência (chama – o enigma daquilo que está vivo). É justamente nessa relação dialética entre finitude e eternidade, no distanciamento aberto entre essência e aparência, que Benjamin aloja o movimento da crítica, como um movimento de destruição e transmutação, desmembrando-a em dois momentos: o comentário histórico-filológico e a crítica materialista. Enquanto o primeiro se detém no comentário dos elementos e da estrutura que compõe um objeto, no esmiuçamento de suas características e em sua situação espaço-temporal, o segundo incendeia a matéria, dissolvendo-a e abolindo qualquer observação intencional, que separa o sujeito e objeto, restando apenas sua presença em potência, na combustão que a ancora no mundo material. O fogo, que a crítica mantém aceso, desloca, salva e apresenta a verdade. Neste movimento vital, a crítica desdobra a obra e garante sua sobrevivência, em sua exposição.

A apresentação da verdade, tal como defendida no prefácio, torna-se a chama acesa, na qual a vida, destruída, sobrevive à finitude. A chama só se torna possível na magia da linguagem, tal como a magia linguagem na eternidade do tempo. Seja em meio à chama ou à constelação, a verdade deve ser exposta em sua fratura, naquilo que lhe resta, emergindo na materialidade do mundo, apresentado na linguagem. Talvez por isso, em seu projeto inacabado, o trabalho das *Passagens*, Benjamin anota: “Eu não tenho nada a dizer. Somente a mostrar.” (BENJAMIN, 2007, p.502). E, enquanto recolhe os restos aos quais se depara, os fragmentos da história dos vencidos, citando-os, opera uma crítica que incendeia o mundo, esboça constelações precárias e apresenta verdades possíveis. A apresentação da verdade interrompe a cadeia linear do mundo, sua falsa totalidade, e por mais um dia ele respira, junto com muitos, junto ao mundo, junto ao tempo. Escreve para que o mundo sobreviva, este mundo mesmo, em transmutação, em desvio, “cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas o preenchido de “tempo de agora (*Jetztzeit*)” (BENJAMIN, 2012b, p.249).

Referências

- BENJAMIN, Walter. As afinidades eletivas de Goethe. In: _____. *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- BENJAMIN, Walter. A capacidade mimética. In: BENJAMIN, Walter *et al.* *Humanismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: _____. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. ver. São Paulo: Brasiliense, 2012a.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Edição e tradução de João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012b.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Da escrita filosófica em Walter Benjamin. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). *Leituras de Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2007.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Do conceito de *Darstellung* em Walter Benjamin (ou Verdade e beleza). In: _____. *Limiar, aura e rememoração: Ensaio sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- MACHADO, Francisco de Ambrosio Pinheiro. *Imanência e história: a crítica do conceito de conhecimento em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- NANCY, Jean-Luc; LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. A exigência fragmentária. Tradução e apresentação João Camillo Penna. *Terceira Margem – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura*, Rio de Janeiro, Ano IX, n. 10, p.67-94, 2004.

Recebido em: 18 de dezembro de 2018

Aprovado em: 2 de fevereiro de 2019